

ESTUDO DAS CONSTRUÇÕES COM VERBO-SUPORTE EM PORTUGUÊS

Maria Helena de Moura Neves
UNESP- C.Ar. / CNPq – Brasil

Introdução

O estudo da estrutura argumental dos verbos efetivamente realizada nos enunciados permite que se estabeleça o que se tem chamado, em estudos funcionalistas, "estrutura argumental preferida" (Du Bois, 1985, 1987). Em estudo da estrutura argumental preferida de textos do *cópus mínimo do NURC* (Neves, 1994), encontrei resultados semelhantes, de um lado, aos encontrados por Du Bois para o sacapulteco, por England & Martin (s/d) para outras línguas maias, por Kumpf (1992), para o inglês, por Ashby & Bentivoglio (1993) para o francês e o espanhol, por Bentivoglio (1994) para o espanhol antigo, e, de outro lado, aos encontrados por Dutra (1987) para a própria língua portuguesa. Com efeito, mostrou-se pertinente o estabelecimento de uma estrutura argumental preponderante, tanto na dimensão gramatical, como se explicita em 1) quanto na dimensão pragmática, como se explicita em 2) abaixo:

1) A sentença tende a apresentar um só SN lexical, e esse elemento ocupa, de preferência, a posição de objeto.

2) A sentença tende a apresentar um só argumento novo, e esse argumento ocupa, de preferência, a posição de objeto.

Ao discutir os resultados obtidos em sua pesquisa, Ashby & Bentivoglio (1993) observam que, em vários dos casos em que havia dois elementos lexicais (sujeito e objeto) na mesma sentença, não se

encontravam, na verdade, "objetos", mas "adjuntos" daquilo que "tem sido denominado verbos-suporte", do tipo de "les Parisiens ont tendance" (p. 7).

Essa observação tem pertinência, se se pensar nas características das construções com verbos desse tipo. Na verdade, um SN objeto desses verbos não pode ser considerado como "participante" da estrutura argumental, e, na verdade, Du Bois & Thompson (1991), falam de um SN "predicante". Parte-se do princípio de que os SNs não necessariamente servem a funções referenciais, podendo ter outros papéis no uso da língua, como, por exemplo, funcionar junto de determinados verbos para formar predicados, para "orientar" um evento, ou para classificar ou identificar um referente (p. 11).

1. O conceito de verbo-suporte

Uma definição corrente para os verbos-suporte os apresenta como "verbos semanticamente vazios que permitem construir um SN com V-n em relação de paráfrase com um SV: "glife/ donne une glife" (Daladier, 1978, *apud* Gross & Vivès, 1986, p.11):

- (01) ele além de assistir aula... ele é obrigado a *fazer estágio* em todas as ... especialidades (DID-SSA-23:560).
- (02) *Manter contato com* entidades aqui do bairro... (= *contatar* + SN). (D2-SP-360:173).

Obviamente essa indicação, ligada à composição do léxico da língua, não pode ser tomada como definitiva para a categoria, mesmo porque não se pode desconhecer que há construções desse tipo que não possuem correlatos semânticos constituídos por verbos simples. É o que ocorre com a construção grifada no trecho abaixo:

- (03) eu até gostaria de fazer ginástica ...n/nas férias goralmente eu *faço ginástica* pra evitar ... (DID-RJ-328:52)

Por outro lado, outras construções em que aparece um verbo seguido de um nome, como (04), podem manter relação parafrástica, com verbos plenos simples, mas constituir expressões solidárias fixas, cristalizadas, ou seja, "expressões", não analisáveis em um verbo-suporte + sintagma nominal:

(04) eu teria que falar mais sobre ... a parte assim de alimentação que diz respeito a minha pessoa né ? ... (DID-RJ-328:3-5).

Os verbos-suporte, no dizer de Ashby & Bentivoglio (1993, p. 7) "fazem pouco mais do que marcar tempo e aspecto e introduzir o nome predicante". Eles possuem determinadas propriedades sintáticas, das quais, segundo Gross & Vivès (1986, p. 14-15), nenhuma, isoladamente, é ao mesmo tempo necessária e suficiente, mas que, em feixe, os distinguem dos empregos verbais comuns. São três essas propriedades:

1ª) Restrições sobre os determinantes do N objeto do verbo-suporte; assim, é impossível acrescentar-se um complemento *de* + *N hum* ao substantivo, nos casos de (01), por exemplo:

(1a) * ele além de assistir aula ... ele é obrigado a *fazer estágio de Maria* em todas as especialidades;

Essa propriedade é compatível com a intuição de que esse tipo de nome não tem referente próprio (um "estágio" não existe independentemente da pessoa que o faz) e de que a relação entre o sujeito do verbo e esse nome núcleo do sintagma *de* + *N hum* é do tipo "inalienável" (uma pessoa não faz "estágio" de outra).

2ª) Análise dupla do complemento: N prep NI; assim, em (02), a dupla análise dá lugar a duas possibilidades de extração com *é ... que* (clivagem):

(02a) *é contato com entidades do bairro que X mantém*

(02b) *é contato que X mantém com entidades do bairro.*

Já numa frase como "X divulga contato com entidades do bairro" (em que o verbo não é suporte), só seria possível o primeiro tipo de clivagem:

- *é contato com entidades do bairro que X divulga;*
- * *é contato que X divulga com entidades do bairro.*

Esse critério se especifica melhor com a indicação de que ele avalia se o complemento do nome construído com o verbo-suporte (no caso de (02), o complemento do nome "contato", representado por "com entidades do bairro") é também complemento do conjunto formado por verbo-suporte + nome (no caso, se é complemento de "manter contato"). O resultado dá:

- "contato" + complemento "com entidades do bairro";

- "manter contato" + complemento "com entidades do bairro";
- * "divulgar contato" + complemento "com entidades do bairro".

O comportamento das construções não é atribuível a apenas um dos elementos da frase: na frase em questão, ele não depende nem apenas do substantivo *contato*, nem apenas dos verbos *manter* e *divulgar*, mas liga-se à combinação particular do verbo com o nome.

3ª) Formação de um grupo nominal por apagamento do suporte ([Red Vsup]):

(05) e não *tive* assim *apresentação* em teatros (DID-SP-234:279)
(= *minha apresentação*).

(06) eu posso *dar* um *conceito* de liberdade (EF-POA-278:91)
(= *meu conceito de liberdade*).

Essa propriedade é correlata da que Giry-Schneider (1986, p. 52) evoca, ao tratar do verbo suporte *fazer*: a redutibilidade do verbo-suporte no quadro de uma relativização (regra: [Red Vsup]):

(1b) o estágio que ele é obrigado a fazer [é longo]
= o estágio dele [é longo]

Como aponta Giry-Schneider, essa propriedade permite afirmar que as construções com verbo-suporte são a fonte das nominalizações, isto é, dos grupos nominais complexos que podem, em outras construções, empregar-se com quaisquer verbos.

A aplicação desses testes ao nosso *corpus* permitiu identificar uma série de construções que satisfazem todas as restrições, ao lado de outras que atendem a um/uns critério(s), mas não a outro(s). Isso não resulta, já em princípio, na proposição de protótipos da classe, já que, em primeiro lugar, a não-satisfação de algum critério pode significar, simplesmente, que ele não se aplica por alguma peculiaridade de um dos elementos da construção.

Cabe observar ainda que cada um desses testes, exatamente porque não necessário e suficiente ao mesmo tempo, não caracteriza a categoria de verbo-suporte, propriamente. O que o primeiro teste, por exemplo, faz é verificar, a saturação dos papéis temáticos na construção; o terceiro dá conta da produção de nominalizações; o segundo mede uma compatibilidade semântica bem geral entre o verbo e o complemento, e deixa passar não apenas construções com verbo-

-suporte (em que o mesmo complemento serve para o conjunto de verbo-suporte + nome), mas também quaisquer construções em que o mesmo complemento serve para o nome objeto e para o verbo, separadamente, como em:

(07) um órgão técnico... que: normalmente ou habitualmente *fornece subsídios... a todas as entidades* (DID-RE-131:178-179).

Pode-se perfeitamente clivar:

- são subsídios a todas as entidades que X fornece.
- são subsídios que X fornece a todas as entidades.

Entretanto, nesse caso, o complemento preposicionado não é do conjunto verbo + nome, mas pode ser visto como sendo, isoladamente, do nome *subsídios* e do verbo *fornecer*, porque é compatível semanticamente tanto com um como com outro.

O que parece mais operativo na conceituação das construções que aqui se examinam é a consideração da atribuição de papéis temáticos: tanto o verbo-suporte como o nome completo contribuem para a determinação dos papéis sintáticos na frase. Assim, em

(01) ele além de assistir aula... ele é obrigado a *fazer estágio* (= estagiar) em todas as ... especialidades (DID-SSA-23:560).

- *ele* "faz" algo (contribuição do verbo *fazer*)
- *ele* é o "estagiário" (contribuição do nome *estágio*).

Não há, pois, nessas construções, um esquema de verbo + nome que, globalmente, se aplique aos argumentos da predicação (como ocorreria em "diz respeito", de (04)), mas ambos os elementos, verbo e nome, contribuem nessa função, e a atribuição do papel de sujeito decorre tanto de um como de outro. Por essa razão, a natureza das construções com verbo-suporte será vista aqui com a consideração do verbo como do nome.

2. Uma análise das construções com verbo-suporte

O estudo dos verbos-suporte é absolutamente dependente do estudo dos nomes que com eles ocorrem na posição de objeto. O estudo desses nomes, por outro lado, não diz respeito, fundamentalmente, à sua natureza lexical, mas se liga ao estatuto que eles adquirem na contração de relações no enunciado (Neves, 1993), especialmente no que

diz respeito à criação de referentes no discurso. Nesse sentido, pode-se dizer que as relações contraídas entre o verbo e o objeto (o SN complemento), nas construções com verbo-suporte, não visam precipuamente ao estabelecimento da referencialidade, no sentido da criação de objetos referentes, em algum mundo.

Talvez se possa dizer que, de um ponto de vista discursivo, uma construção com verbo-suporte funciona exatamente como o oposto de uma construção "existencial", entendendo-se, com Franchi e Negrão (1994), que as construções existenciais "enquanto operadores existenciais extraem entidades de um conjunto, determinado pelo sentido da expressão sob escopo:

- Tem uns caras nessa cidade que não são nada confiáveis

ou de um universo construído previamente pelo contexto:

- Tem os caras da associação que são especialistas nisso" (p.1)

Na verdade, nas construções com verbo-suporte que se propõem aqui como prototípicas, isto é, naquelas em que o nome objeto vem sem determinante, não há referencialidade no nome objeto:

- (08) a gente se agarrava num, *dava impulso* com os pés (DID-POA-045:254-255)

A eventual criação de referente nessa posição argumental caracteriza um certo afastamento do que poderia ser considerado o protótipo de construção com verbo-suporte. O que se verifica é que quanto mais referencial é um nome complemento, menor a sua contribuição para a composição do esquema do predicado, e, portanto, mais ele se afasta da função que caracteriza os nomes que entram nas construções prototípicas de verbo-suporte.

Numa outra caracterização, que também se baseia num cotejo opositivo, parece possível dizer que a construção com verbo-suporte funciona exatamente como o oposto das construções detransitivizadas (com valência reduzida na posição de complemento) (Mackenzie, 1985), já que nela se prevê, necessariamente, para o verbo, um complemento nominalizado (abstrato de ação, ou processo, ou estado).

Ora, o uso de nominalizações numa frase está preso, segundo Mackenzie (1985: 33:34), a necessidades funcionais como:

- a) colocar uma predicação como núcleo de um termo: o destinatário é convidado a atentar para uma entidade (necessidade informativa);

b) obter maior versatilidade sintática: em inglês, por exemplo, a construção nominalizada tem menor complexidade categorial e apresenta menor número de restrições construcionais em relação à oração subordinada finita (necessidade sintática);

c) obter maior versatilidade de uso: a construção nominalizada introduz novo referente discursivo, dando nome a uma entidade de primeira ordem, o que permite, por exemplo, o recurso a restritores, como as orações relativas (necessidade textual), configurando uma versatilidade de uso que complementa a versatilidade sintática.

Obviamente, como aponta o próprio Mackenzie, esses três fatores não funcionam juntos, necessariamente. E no caso das construções com verbo-suporte, entre essas três funções ligadas ao uso de nominalizações, ressaltam a de natureza sintática e a informativa, já que, no caso da terceira, tem-se, na verdade, um impasse:

a) de um lado, como já se indicou, o verbo-suporte não tem, absolutamente, como função "trazer à existência" alguma entidade que seja referida pelo SN objeto;

b) de outro lado, porém, sendo objeto do verbo-suporte um SN com núcleo representado por nominalização, essa construção deve responder a necessidades funcionais; incluem-se as funções normalmente exercidas pela nominalização, entre as quais a função discursivo-textual, que diz respeito ao "rastreamento" de referentes.

Dizer que o objeto do verbo-suporte é prototipicamente não-referencial não significa desconsiderar a ação de condicionantes que, em diferentes graus, podem atualizar o potencial de referenciação conferido ao nome por seus atributos categoriais. Verifica-se, de um lado, que mesmo nomes que são não-referenciais em seu contexto de ocorrência podem propiciar retomada anafórica, por uma espécie de reanálise desse contexto, como se verá em 3.4. .

3. As funções das construções com verbo-suporte nos enunciados.

Razões de opção por um verbo-suporte

No equilíbrio das necessidades funcionais a que podem servir, dada a natureza de seus componentes, é que se resolve o funcionamento das construções com verbo-suporte. É nesse sentido que se podem

buscar as razões que levam o falante a optar pelo uso de uma construção com verbo-suporte, no lugar de uma construção com um verbo simples correspondente, em muitos casos disponível no léxico da língua. Pode-se considerar que, toda vez que construções de aceção similar entram em competição (Du Bois, 1985), existem fatores de todas as ordens, ligados a diversas funções da linguagem, que pesam na escolha do falante, obtendo-se, sempre, com uma das escolhas, um efeito particular desejado.

3.1. A obtenção de maior versatilidade sintática

Considerem-se, inicialmente, as necessidades ligadas ao SN complemento. Verifica-se, especialmente, que é pertinente a indicação de que se obtém maior versatilidade sintática com o uso de uma construção com verbo-suporte, comparativamente ao uso de um possível verbo simples correspondente. É assim que se pode apontar, verificadas as ocorrências do nosso *cópus*, que, com o uso da construção sintática "verbo-suporte + objeto", consegue-se, no processo de estruturação do SN complemento:

a) Pela adjetivação do nome complemento do verbo-suporte, obter melhor condição de

• Qualificação:

(09) ... com o senhor ministro do trabalho Arnaldo Pietro ... que inclusive foi um dos oradores daquela assembléia ... onde *prestou... esclarecimentos ... os mais importantes ...* sobre as reformas ... que estavam em andamento (DID-RE-05-131:286)

Fica evidente, aí, que um enunciado como "esclarecer o mais importante", que seria a construção correspondente a (09), não é viável.

• Classificação:

(10) nessa situação aqui, vocês não podem *dar a opinião pessoal*, neste resumo, vocês têm que dizer aquilo que ele disse (EF-PA-278:192)

Suponho que nem mesmo se empreguem na língua advérbios classificatórios que obtenham o efeito que os adjetivos trazem à construção acima, em casos como:

(10a) * opinar pessoalmente

b) Pela determinação, obter melhor condição de

• Possessivização reflexiva; são casos em que, na verdade, vem verbalizado o mecanismo implicado no primeiro e no terceiro critério de identificação apresentados por Gross & Vivès (ver, acima, 1.), que é o mecanismo pelo qual, no caso de haver um determinante da forma *de + nome* para a nominalização que entra na construção com verbo-suporte, o nome que é núcleo desse sintagma tem de ser correferencial ao nome que é sujeito do verbo-suporte:

(11) ... então passei meus anos todos naquele colégio NE? ...fiz **minhas** *amizades* conheci os professores o ambiente escolar... (DID-SSA-231:117)

• Quantificação:

(12) ... e a minha mãe aproveitava e *dava* também **muita** *instrução* a ela. (DID-RJ-328:711-712).

(13) só o cinema não *tem* **quase** *distração* **nenhuma**. (DID-SP-234:473).

Observe-se o efeito diferente que se obtém com o uso de uma construção com verbo-suporte, já que esse uso significa ensejo de se quantificar uma grandeza, ao passo que, com o uso do verbo simples correspondente, haveria intensificação da ação, ou processo, ou estado, que é o que se vê, por exemplo, em:

(12a) instruir muito

(13a) distrair-se pouco

c) Pela adjunção de uma oração relativa, obter condição de restrição do nome que entra na construção com verbo-suporte (operação a que se refere Mackenzie, como já observei acima, em 2.):

(14) alguns *fazem pesquisas* **que gostam** (DID-SSA-231:573)

Essa versatilidade inclui a relativização do próprio SN objeto do verbo-suporte, por uma oração que contém esse verbo:

(15) depois ela vai fazer... o seu:: relatório... dos doentes que ele atendeu quais *os diagnósticos* **que ele fez** (DID-SSA-231:479-481)

A maior versatilidade sintática diz respeito, por outro lado, a uma função oposta, isto é, à obtenção de condições para se prescindir de termos, ou seja, para se reduzir a valência de um predicado. Ocorre que um nome se detransitiviza muito mais facilmente do que um verbo, e a substituição, no enunciado, de um verbo transitivo por um verbo-suporte + nome possibilita prescindir-se facilmente de um complemento de especificação, que necessariamente ocorreria com o verbo:

(16) E em que ocasiões você *faz uma visita* ? (DID-POA-045:108)

(17) o indivíduo tem que *ter conhecimento, compreensão*, análise e síntese ele não pode *fazer uma síntese*, sem *fazer antes uma análise* ... (EF-PA-278:368)

Com efeito, com menor facilidade se deixaria de prover um complemento especificador se os verbos usados fossem, respectivamente, *visitar, conhecer, compreender, sintetizar e analisar*.

3.2. A obtenção de maior adequação comunicativa

A existência de pares correspondentes formados, de um lado, por verbos plenos, e, de outro, por construções com verbo-suporte, resulta na possibilidade de uso de duas construções de valor semântico pelo menos próximo, que, entretanto, podem distinguir-se quanto à aplicabilidade a diferentes situações comunicativas.

Assim, muitas vezes, pode-se apontar, no caso da opção por emprego de construções com verbo-suporte, a obtenção de efeitos reclamados pelas relações existentes entre os participantes do ato de comunicação, especialmente para a adequação de registro:

(18) tirou diploma com::...com menção honrosa::(D2-SP-360:1.141).

Realmente, na situação em que nossa informante conversa, e dentro do tema que ela desenvolve, não caberia, por exemplo, o uso do verbo pleno correspondente a esse complexo formado por verbo-suporte + nome, que seria *diplomar-se*.

Nas passagens seguintes, por outro lado, a construção verbo-suporte + nome pertence ao jargão científico ou técnico:

(19) então... num tumor maligno... é que se *faz a retirada* do testículo (EF-SSA-49:79-80)

- (20) eles *fizeram*... eles *fazem as projeções* de tráfego (D2-SSA-98:359)

A adequação de registro pode significar, afinal, que a construção com verbo-suporte é simplesmente mais usual do que a correspondente com verbo simples e que, portanto, é mais conforme à fala coloquial:

- (21) ... de maneira MAIS ou menos fechada à lei ... aqui *fazendo* uma *um parêntese* porque ... o pessoal da pesquisa não é de direito ... num é? (EF-RE-337:111)

Nessa adequação, logra-se obter efeitos pragmáticos, especialmente pela natureza particular do nome complemento:

- (22) Ah, bom, pela manhã ... as gurias chegam, me *dão um beijinho*, bom dia, mãe, ou às vezes, nem dizem nada, olá, assim, em casa, né. (DID-POA-045:481)
- (23) então cada um traz um prato e a gente *faz a farrinha* na casa dum, né? (DID-POA-045:140)

Facilmente se percebe que os nomes que aí se constroem com verbos-suporte caracterizam situações informais, sendo que *beijinho* denomina um beijo sem compromisso, e que quem usa *farrinha* se refere a uma "farra", digamos assim, honesta e desculpável. Nenhum desses efeitos pragmáticos se recuperaria nos verbos plenos correspondentes *beijar* e *farrear*, respectivamente.

Ainda quanto à obtenção de maior eficácia informativa é pertinente lembrar Leech & Startvik (1975: 175-185), que enunciam um princípio de organização de informação ("end-weight") segundo o qual o alongamento do predicado logra obter um maior equilíbrio do efeito informativo. Preconiza-se que, para que se obtenha maior eficiência informativa, a parte gramaticalmente mais complexa (e, portanto, mais "pesada") do enunciado deve ser deixada para o final; desse modo, para maior informatividade, é justamente o predicado que deve ser mais longo e complexo, já que o "comentário" é o lugar privilegiado para a informação mais relevante. Na mesma direção raciocina Du Bois (1993), que aponta que a substância fonética é sempre um marco positivo e que, portanto, uma construção com objeto direto representado por nome atua nesse sentido. Trata-se, na verdade, da invocação do princípio da iconicidade. Esse tipo de efeito relacionado com o peso da substância fônica servindo à informatividade pode ver-se, por exemplo, em:

- (24) como eu falei para vocês ele *faz seleção* de pessoal né? (D2-SP-360:1000)
- (25) então nós vamos *fazer uma diferença* aqui olha (EF-SP-405:300)

Parece legítimo afirmar, entretanto, que a possibilidade de obtenção do efeito ligado a esse princípio pesa na escolha, mas seguramente se conjuga com outras determinações sintáticas, semânticas e pragmáticas.

3.3. A obtenção de maior precisão semântica

Apesar da semelhança de sentido entre uma construção com verbo-suporte e a construção correspondente com verbo simples, é desnecessário tentar provar que duas construções formalmente diferentes necessariamente carregam resultados semânticos não-idênticos, que dirigem, no plano semântico, a escolha por um ou outro torneio. No nosso caso em estudo, com a opção por construções com verbo-suporte pode-se:

a) Definir melhor a natureza semântica do predicado (ação, processo ou estado), ou, em outras palavras, configurar com maior precisão o estado-de-coisas (Dik, 1989) linguisticamente expresso (apesar do peso que, nas construções com verbo-suporte, tem a natureza do nome complemento, como se viu acima, em 2.):

- (26) Eu *fiz força* pras minhas aprende(r) a nada(r), mas foi só também, né... (DID-POA-045:229-230)
- (27) então nós vamos *fazer uma diferença* aqui olha...(EF-SP-405:300)

Facilmente se verifica que o verbo-suporte *fazer* marca muito mais evidentemente a factitividade do que o verbo pleno correspondente *esforçar-se* e *diferenciar*, respectivamente.

Nesta passagem:

- (28) qual a melhor técnica na sua opinião para poder se divulgar uma peça de tea::/ uma peça né? para que:: o público *tome conhecimento* da existência dela? (DID-SP-234:11),

o uso do verbo-suporte deixa claro que se trata de um processo do tipo "mudança" (Dik, 1989), e não de um estado, como poderia ser

entendido se se usassem os verbos *dimensionar-se* ou *conhecer*.

Com efeito contrário, em:

- (29) essa daí não *tem* ainda assim muita:: éh uma... *um objetivo* a atingir sabe? (D2-SP-360:1290-1291), há um verbo suporte de estado (*ter*) caracterizando a predicação, que se marcaria como de ação, se o verbo fosse *objetivar*.

b) Acentuar um determinado papel semântico de argumento:

- (30) há uma preocupação modernamente em *dar* melhor *tratamento* possível à **sinalização vertical** sem abusar ...(D2-SSA-98:424).
- (31) c:: ela *faz* justamente a *supervisão* **nessa parte de cozinha** ... sabe? (DID-RJ-328:779)

Observa-se que as próprias características construcionais ligadas ao uso de um SN (por exemplo, a necessidade do emprego de preposição), têm como efeito marcar mais efetivamente os diferentes papéis semânticos.

c) Configurar um aspecto verbal particular:

- (32) NÃO eu *dei* u::ma rápida *olhada* sabe? (D2-SP-360:1.281).
- (33) ... tem, tem os amigo(s), às vezes a gente *dá* *uma fugidinha* até a casa deles, (DID-POA-045:121)

Compare-se, em (32), *dei uma rápida olhada*, com um possível "olhei rapidamente": o segundo evento seria simplesmente pontual, enquanto o primeiro prevê, com a introdução do nome *olhada*, uma certa duração, embora "rápida", configurando, pois, um valor aspectual particular. Também em (33) a construção com o verbo-suporte logra aspectualizar o predicado: a "fugidinha", trazida à existência pelo emprego do indefinido, compõe, com o verbo-suporte, um predicado aspectualmente diferente daquele que estaria expresso com o simples *foge*, no qual ocorreria a expressão pura e simples da ação (correspondente ao aoristo grego).

Do ponto de vista do aspecto quantificacional, a simples possibilidade de pluralização do nome complemento do verbo-suporte pode, em certos casos, ser responsável pela atribuição de um valor freqüentativo ao predicado, como em (34) e em (35):

- (34) o professor... dá aula... só aula teórica ou só aula prática... *faz visitas*... enfermária... (DID-SSA-231:538)

(35) alguém mais que(r) *da(r) palpites* aí (...)? (EF-POA-278:249)

d) Simplesmente obter uma construção de acepção não-idêntica à da construção com verbo pleno (e, seguramente, mais conforme à intenção do emissor):

(36) *toma conta* do pessoal (D2-SP-360:1.380) (diferente de *cuida*)

(37) todas as coisas que *fazem parte* do café (D2-SP-360:313-314)
(diferente de *participam*)

e) Obter uma circunscrição da expressão, pela possibilidade de focalização do nome envolvido na construção:

(38) eu imagino isso ... agora a televisão eu estou *fazendo assim um ... uma ... uma comparação* porque à televisão eu tenho ido ... (DID-SP-234:200-202)

(39) prestar a esses associados toda a assistência devida *fazendo inclusive reclamações* (DID-RE-131:193-194)

3.4. A obtenção de efeitos na configuração textual

Ao estudar a natureza das construções com verbo-suporte destaquei a condição de não-referencial que marca o nome complemento desse tipo de verbo, no caso das construções que se pode considerar mais características. Defendi, pois, a existência de uma gradação nos diferentes tipos dessas construções, que vão desde o que chamei "construções puras" (sem determinante no nome), como (08), até construções que apresentam um nome complemento que se liga à cadeia referencial no texto, a ponto de, muitas vezes, deixar de ficar bem caracterizada a natureza de "suporte" do verbo da construção. Essa função textual dos sintagmas nominais complementos de verbos-suporte implica:

a) De um lado, fazer remissão textual, o que se obtém com o emprego de determinantes fóricos no SN complemento; essa "referenciação textual" (nos termos de Halliday & Hasan, 1976) tem os tipos:

• referenciação demonstrativa anafórica, como em (40), ou catafórica, como em (41):

(40) e o social o aspecto social não podemos levar em consideração? já *fizeram essa pergunta* a Bernadete ? (EF-RE-337:325-326)
(= perguntei isso)

(41) (é) claro eu *dei o seguinte exemplo* em uma aula anterior (EF-RJ-379:129) (= exemplifiquei do seguinte modo)

• referenciação comparativa, de identidade (42) ou de quantidade (43):

(42) Como é que se chama que tocam assim, xilo ... não é xilofone ? Ou *tem outro nome* agora ? (DID-POA-045:443-445) (= denomina-se de outro modo)

(43) Alemanha e o Japão principalmente e a Itália, que também a gente vai *dar um pouco mais de atenção* a ela e à Alemanha dentro da Europa (EF-RJ-379:131) (= "considerar" um pouco mais)

b) De outro lado, instituir referente textual para posterior retomada:

(44) quando ele *dá uma definição*, depende se **essa definição** é uma ... (EF-PA-278:97)

Considerações finais

Iniciei este trabalho com a consideração de que a análise da estrutura argumental preferida dos verbos (Du Bois, 1987) leva à verificação da existência de SNs que aparecem em posição de objeto, mas que funcionam como "predicantes" (Du Bois & Thompson, 1991), não como "participantes" da estrutura argumental. Considerando que o estudo desses verbos, denominados geralmente como "verbos-suporte" (Gross & Vivès, 1986), deve integrar a investigação das predicções da língua, o trabalho procurou estabelecer a natureza e a função dessas construções em enunciados do NURC.

Na busca do estabelecimento da natureza das construções com verbo-suporte, examinaram-se, em princípio, construções com "objeto direto" não-canônico, levando-se em consideração, separadamente, o SN objeto e o verbo-suporte, além da composição de ambos.

A primeira verificação diz respeito ao fato de que, na dimensão sintático-semântica, parece que há um tipo extremo de soldadura dos elementos verbo + nome que forma o que se designa tradicionalmente como *expressão verbal*, ou *locução verbal*, ou *perífrase verbal*, que funciona em conjunto na atribuição de papéis temáticos (forma em conjunto um predicado), e que se apresenta como um bloco cristalizado

em que existe um significado global unitário, e dentro do qual não se isola um valor gramatical e semântico de um verbo-suporte ao lado de um valor predicante de um nome objeto. É o caso, por exemplo, de (04).

No outro extremo estariam as construções de verbo pleno (possivelmente os mesmos verbos que também se constroem como suporte) + nome objeto direto que exercem papéis independentes na estrutura argumental (predicado e argumento, respectivamente), e que guardam, um e outro, total individualidade semântica, como ocorre em:

(45) eu acho que é é bem mais difícil eu tenho impressão que é mais difícil porque a televisão é horrroso quando eles estão *fazendo programa* (DID-SP-234:185-187) ("elaborando programa")

(46) ... o endocrinologista proibiu terminantemente que eu *tenha* mais *filhos* ... (D2-SP-360:80-81) ("gere mais filhos")

As construções com verbo-suporte, por seu lado, se situariam no intermédio desses dois tipos, ora mais próximas de um, ora mais próximas do outro extremo, conforme o grau de "gramaticalização" a que tenham chegado. Compõem-se elas de: (i) um verbo com determinada natureza semântica básica, que funciona como instrumento morfológico e sintático na construção do predicado; (ii) um nome que entra em composição com o verbo para configurar o sentido do todo, bem como para determinar os papéis temáticos da predicação. Esse complexo propicia, graças a características de um ou do outro componente, uma gama variada de construções, mais próximas ou mais distantes daquelas que correspondem à combinação prototípica de verbo-suporte + nome predicante.

No exame das funções, buscou-se determinar as razões da opção do falante por essas construções no enunciado. Os resultados da investigação indicaram que, em princípio, os efeitos do seu emprego se ligam à obtenção de maior versatilidade sintática, de maior precisão semântica, de adequação comunicativa, e, afinal, de efeitos na própria configuração textual.

Referências

- ASHBY, W.J. e BENTIVOGLIO, P. (1993) Information Flow in Spoken French and Spanish: A Comparative Study. Paper read at NWAV 20, Georgetown University, Washington, DC.

- BENTIVOGLIO, P. (1994) Spanish Preferred Argument Structure across Time and Space. D.E.L.T.A. 10 (nº especial): p. 277-293.
- DIK, S. (1989) *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris Publications.
- DU BOIS, J.W. (1985) Competing Motivations. In: Haiman, J. (cd). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: Benjamins.
- ____ (1987) The discourse basis of ergativity. *Language* 63, p. 805-855.
- ____ (1993) La estructura argumental preferida y el cero absoluto. Ms, Veracruz, ALFAL.
- DU BOIS, J.W. e THOMPSON, S. (1991) *Dimensions of a theory of information flow*. Ms, UC Santa Barbara, In: Progress.
- DUTRA, R. (1987) The Hybrid S Category in Brazilian Portuguese: Some Implications for Word Order. To appear in *Studies in Language* 11.
- ENGLAND, N. & MARTIN, L. Issues in the Applications of Preferred Argument Structure Analysis to Non-Pear Stories. MS, Cleveland State University. s/d.
- FRANCHI, C. & NEGRÃO, E.V. (1994) Construções existenciais. Projeto de estudo para apresentação no VIII Seminário do Projeto Gramática do Português Falado.
- GIRY-SCNEIDER, J. (1986) Les noms construits avec *faire*: compléments ou prédicats? *Langue Française* 69. p. 49-63.
- GROSS, G. & VIVÈS, R. (1986) Les constructions nominales et l'élaboration d'un lexique-grammaire. *Langue Française* 69, p. 5-27.
- HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. (1976) *Cohesion in English*. London: Longman.
- KUMPF, L.E. (1992) Preferred Argument in Second Language Discourse: a Preliminary Study. *Studies in Language* 16-2: 369-403
- LEECH, G. & SVARTVIK, J. (1975) *A Communicative Grammar of English*. London: Longman.
- MACKENZIE, J.L. (1985) Nominalization and Valency Reduction. In: A.M. Bolkestein *et al.* (eds.) *Predicates and Terms in Functional Grammar*. Dordrecht/Cinnaminson: Foris Publications, p. 29-48.
- NEVES, M.H.M. (1993) Reflexões para o direcionamento do estudo do nome comum. Comunicação apresentada no VII Seminário do Projeto Gramática do Português Falado. Campos do Jordão: Mimeo.
- ____ (1994) A estrutura argumental preferida em inquiridos do NURC. Mimeo.